



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de  
Estudos Acadêmicos

### Dificuldades enfrentadas por médicos da Atenção Primária à Saúde no manejo de crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista na Amazônia Legal

Difficulties faced by Primary Health Care physicians in the management of children with suspected autism spectrum disorder in the Legal Amazon

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3400

ARK: 57118/JRG.v9i20.3400

Recebido: 19/05/2026 | Aceito: 24/05/2026 | Publicado *on-line*: 25/05/2026

#### Sabrina Viégas Nogueira Fernandes<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0004-0978-5876>

<https://lattes.cnpq.br/4325158381895983>

Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil

E-mail: [sabrinaviegas0@gmail.com](mailto:sabrinaviegas0@gmail.com)

#### Tessya Lorrany Miranda de Oliveira<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0009-0000-1856-825X>

<https://lattes.cnpq.br/6581318258909184>

Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil

E-mail: [tessyaoliveira72@gmail.com](mailto:tessyaoliveira72@gmail.com)

#### Luana Araújo Ribeiro<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0009-0001-6399-3789>

<https://lattes.cnpq.br/4949171362848765>

Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil

E-mail: [araujuluaana084@gmail.com](mailto:araujuluaana084@gmail.com)

#### Lilian Oliveira Magalhães<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-5429-7004>

<https://lattes.cnpq.br/0637344217671966>

Universidade Federal do Pará, PA, Brasil

E-mail: [Lilian.magalhaes@afya.com.br](mailto:Lilian.magalhaes@afya.com.br)

#### Susiene Pacheco Pereira<sup>5</sup>

<https://orcid.org/0009-0006-3925-7980>

<https://lattes.cnpq.br/227917005066651>

Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil

E-mail: [susienepachecopharma01@gmail.com](mailto:susienepachecopharma01@gmail.com)

#### Márcia Cristiane Conceição Oliveira<sup>6</sup>

<https://orcid.org/0009-0004-06073195>

<https://lattes.cnpq.br/1613136832226792>

Psicóloga clínica pela faculdade UNAMA, PA, Brasil

E-mail: [oliveiramarcia@gmail.com](mailto:oliveiramarcia@gmail.com)



<sup>1</sup> Graduanda em medicina pela Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil.

<sup>2</sup> Graduanda em medicina pela Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil.

<sup>3</sup> Graduanda em medicina pela Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil.

<sup>4</sup> Doutoranda em Biologia Ambiental pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Odontologia. Professora e coordenadora do curso de Odontologia da Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil.

<sup>5</sup> Graduanda em medicina pela Afya Faculdade de Ciências Médicas de Bragança, PA, Brasil.

<sup>6</sup> Psicóloga clínica e Neuropsicóloga, PA, Brasil.



## Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, geralmente manifestando-se nos primeiros anos de vida. A identificação precoce desses sinais é fundamental para otimizar o prognóstico e a qualidade de vida das crianças, sendo a Atenção Primária à Saúde (APS) o primeiro ponto de contato das famílias com o sistema de saúde. Este estudo tem como objetivo avaliar o conhecimento, dificuldades e práticas de médicos da atenção primária nas zonas urbana e rural do município de Bragança no Estado do Pará no manejo e encaminhamento de crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de uma pesquisa transversal, observacional e descritiva com abordagem quantitativa, na qual os dados foram coletados por meio de questionário estruturado aplicado presencialmente aos profissionais médicos das equipes da Estratégia Saúde da Família do município de Bragança no Pará. A análise estatística incluiu a frequência descritiva e testes de associação entre variáveis categóricas. Caracterizou-se o nível de conhecimento dos médicos sobre sinais precoces de TEA, identificou-se lacunas na capacitação profissional, mapeou-se dificuldades no processo de encaminhamento e diferenciou-se o manejo entre zonas urbanas e rurais. Os resultados poderão subsidiar estratégias de educação permanente, aprimorar a linha de cuidado e fortalecer a rede de atenção a criança com TEA, contribuindo para construção de políticas públicas de inclusão.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Atenção Primária à Saúde. Manejo Clínico. Educação Continuada. Políticas Públicas.

## Abstract

*Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by persistent deficits in social communication and restricted, repetitive patterns of behavior, usually manifesting in the first years of life. Early identification of these signs is essential to optimize the prognosis and quality of life of children, with Primary Health Care (PHC) serving as the first point of contact between families and the health system. This study aims to evaluate the knowledge, difficulties, and practices of primary health care physicians in the urban and rural areas of the municipality of Bragança, Pará State, regarding the management and referral of children with suspected Autism Spectrum Disorder. This is a cross-sectional, observational, and descriptive study with a quantitative approach, in which data were collected through a structured questionnaire administered in person to physicians working in the Family Health Strategy teams in the municipality of Bragança, Pará. Statistical analysis included descriptive frequency and association tests between categorical variables. The study characterized physicians' level of knowledge regarding early signs of Autism Spectrum Disorder (ASD), identified gaps in professional training, mapped difficulties in the referral process, and differentiated management practices between urban and rural areas. The results may support continuing education strategies, improve the continuum of care, and strengthen the healthcare network for children with ASD, contributing to the development of inclusive public policies.*

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Primary Health Care. Clinical Management. Continuing Education. Public Policies.



## 1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social e pela presença de comportamentos restritos e repetitivos (Brasil, 2022; De Resende, 2024). Suas manifestações podem surgir ainda nos primeiros anos de vida, frequentemente antes dos 36 meses, e incluem sinais como atraso no desenvolvimento da fala, pouco contato visual, dificuldades na interação social, estereotípias e interesses restritos (De Resende, 2024; Casati et al., 2024).

A etiologia do TEA é complexa, envolvendo fatores genéticos e ambientais, e apesar dos avanços científicos, ainda não há consenso definitivo sobre todos os mecanismos que desencadeiam a condição (Brasil, 2022; Saraiva et al., 2024; Maia et al., 2017). Estudos epidemiológicos apontam para um crescimento constante na prevalência do TEA em nível mundial. No Brasil, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, realizado em 2022 identificou 2,4 milhões de com o diagnóstico de autismo no país o que corresponde a 1,2% da população brasileira sendo a prevalência maior em homens (1,5%) do que em mulheres (0,9%). Em relação a faixa etária com maior prevalência tem-se a idade entre 5 e 9 anos (2,6%), (IBGE, 2025).

A identificação precoce dos sinais de alerta é essencial para garantir um melhor prognóstico e maior qualidade de vida para crianças e suas famílias (Brasil, 2022; De Resende, 2024). A redução do tempo entre a suspeita clínica e o início do acompanhamento especializado está diretamente associada a melhores resultados terapêuticos (Montenegro, 2018; Bittar et al., 2025). Nesse sentido, a Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha papel central, pois é frequentemente o primeiro ponto de contato das famílias com o sistema de saúde (Oliveira, 2013; Brasil, 2025). Médicos que atuam nesse nível são responsáveis pelo acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil, sendo fundamentais para reconhecer sinais suspeitos e realizar encaminhamentos adequados aos serviços de referência (Brasil, 2022).

Entretanto, apesar da relevância da APS, diversos desafios comprometem a atuação dos médicos frente ao TEA. Pesquisas indicam lacunas de conhecimento sobre os sinais precoces do transtorno, dificuldades na realização do diagnóstico diferencial, falta de protocolos padronizados e carência de capacitação profissional continuada (Da Silva, 2022). Além disso, fatores estruturais, como tempo reduzido de consulta, resistência familiar e escassez de serviços de referência, também representam barreiras no manejo clínico de crianças com suspeita de autismo (Da Silva, 2022; Castro, 2022).

Nesse contexto, a abordagem multidisciplinar no diagnóstico precoce do autismo representa um avanço quanto a compreensão e a intervenção eficaz nesse transtorno do neurodesenvolvimento, pois para compreender o TEA é necessária uma visão holística que ultrapassa as fronteiras de uma única disciplina. Assim, surge a equipe multidisciplinar com a colaboração entre diferentes profissionais como psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, educadores entre outros desempenham um papel essencial com condutas que atendam as necessidades individuais de cada criança (DE MENEZES TEIXEIRA, 2024).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) o diagnóstico de TEA deve ser fundamentado na aplicação de escalas e critérios de rastreamentos validados como o teste Modifield Checklist for Autismo in Toddlers (M-CHAT) e o DSM-5 para a identificação de sinais precoces de autismo. Dessa maneira, o profissional médico é responsável por acompanhar e avaliar o desenvolvimento neuropsicomotor infantil com o intuito de investigar se houve ganho de habilidades, perda ou estagnação delas e ainda analisar se



há comorbidades associadas ou outros transtornos, bem como descartar diagnósticos diferenciais como déficits aditivos, transtornos de linguagem entre outros (SBP, 2019).

Assim, este estudo busca contribuir para a melhoria da prática clínica, do encaminhamento precoce e, conseqüentemente, do prognóstico das crianças atendidas. O objetivo deste trabalho é avaliar o conhecimento, dificuldades e práticas de médicos da atenção primária nas zonas urbana e rural no município de Bragança no Estado do Pará, no manejo e encaminhamento de crianças com suspeita de transtorno do espectro autista.

## **2. Metodologia**

### **2.1 Delineamento do estudo**

Trata-se de um estudo transversal, observacional e descritivo, com abordagem quantitativa, realizado com médicos atuantes na Atenção Primária à Saúde (APS) do município de Bragança, com o objetivo de analisar o conhecimento, as dificuldades e as práticas relacionadas ao manejo e encaminhamento de crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA). O delineamento metodológico possibilitou a descrição sistematizada das variáveis investigadas, conforme os pressupostos metodológicos descritos por Lakatos e Marconi (2021).

### **2.2 Área do estudo**

A pesquisa foi desenvolvida no município de Bragança, localizado na região da Amazônia Legal. O município apresenta cobertura integral da Estratégia Saúde da Família (ESF) na Atenção Primária à Saúde.

### **2.3 População e amostra**

Participaram do estudo médicos vinculados às equipes da Estratégia Saúde da Família das zonas urbana e rural. Foram incluídos profissionais cadastrados no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) e em exercício profissional durante o período da coleta de dados. Foram excluídos médicos afastados por férias, licença médica ou licença-maternidade, bem como aqueles que não aceitaram participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### **2.4 Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado, elaborado com base na literatura científica relacionada ao manejo do Transtorno do Espectro Autista na Atenção Primária à Saúde e em documentos do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS). O instrumento contemplou questões referentes ao perfil sociodemográfico e profissional dos participantes, conhecimento acerca dos sinais precoces do TEA, práticas clínicas relacionadas ao rastreamento e encaminhamento, dificuldades enfrentadas no manejo dos casos e necessidades de capacitação profissional.

O questionário foi aplicado presencialmente, garantindo anonimato, confidencialidade e privacidade das informações fornecidas pelos participantes.

### **2.5 Análise dos dados**

Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas do Microsoft Office Excel 2019® e posteriormente exportados para o software Jamovi®, no qual foram realizadas análises estatísticas descritivas. As variáveis foram apresentadas por meio de frequências absolutas e relativas, permitindo a caracterização do perfil dos participantes e a descrição



das variáveis investigadas. Os resultados foram organizados em tabelas e gráficos para melhor interpretação analítica dos achados.

## 2.6 Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do ITPAC Porto Nacional, sob parecer consubstanciado nº 8.423.241 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 97592026.6.0000.8075, em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

## 3. Resultados e Discussão

Participaram do estudo 16 médicos atuantes na Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Bragança, Pará, distribuídos entre unidades localizadas nas zonas urbana e rural. Observou-se predominância do sexo feminino (68,8%; n=11), enquanto os participantes do sexo masculino corresponderam a 31,2% (n=5). Em relação à área de atuação profissional, 56,3% (n=9) exerciam atividades em unidades situadas na zona urbana e 43,7% (n=7) na zona rural.

No que se refere à capacitação específica sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA), verificou-se que apenas 18,8% (n=3) dos profissionais relataram participação prévia em cursos ou treinamentos relacionados à temática, ao passo que 81,2% (n=13) afirmaram não possuir formação específica para o manejo do transtorno na Atenção Primária à Saúde (APS).

Apesar dessa limitação formativa, 93,8% (n=15) dos participantes referiram conseguir identificar sinais sugestivos de TEA durante a prática clínica cotidiana. Ademais, todos os entrevistados (100%; n=16) consideraram necessária a implantação de protocolos clínicos voltados ao rastreamento e manejo do TEA na APS (Tabela 1).

Os achados evidenciam fragilidades importantes relacionadas à capacitação profissional e à organização da rede de atenção ao TEA na Atenção Primária, corroborando evidências previamente descritas na literatura nacional e internacional. Embora a maioria dos profissionais tenha referido capacidade para reconhecer sinais sugestivos do transtorno, observou-se baixa proporção de participantes com formação específica sobre o tema, demonstrando lacunas relevantes na educação permanente em saúde. Estudos recentes destacam que a APS constitui a principal porta de entrada para identificação precoce de alterações no neurodesenvolvimento infantil, desempenhando papel estratégico na vigilância do desenvolvimento e no encaminhamento oportuno aos serviços especializados (FURTADO; BRÁZ JÚNIOR, 2024).

Os resultados do presente estudo tornam-se ainda mais relevantes diante das evidências epidemiológicas internacionais mais recentes publicadas pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Shaw et al. (2025) identificaram prevalência de 32,2 casos de TEA por 1.000 crianças de 8 anos nos Estados Unidos, correspondendo aproximadamente a uma em cada 31 crianças, demonstrando aumento expressivo da prevalência quando comparado aos levantamentos anteriores. Os autores destacam que a ampliação da vigilância do desenvolvimento infantil e das estratégias de identificação precoce tem contribuído para maior detecção diagnóstica, especialmente entre populações historicamente subdiagnosticadas.

Entre os principais sinais precoces reconhecidos pelos profissionais destacou-se o atraso na fala, mencionado por 93,8% (n=15) dos participantes, configurando-se como o marcador clínico mais frequentemente associado ao transtorno.

Outros sinais relatados incluíram hiperfoco (37,5%; n=6), estereotípias motoras (31,3%; n=5), redução do contato visual (25,0%; n=4), agitação, insônia e distúrbios



comportamentais (18,8%; n=3), seletividade alimentar (12,5%; n=2) e isolamento social (6,3%; n=1) (Tabela 2).

A predominância do reconhecimento do atraso na fala sugere maior familiaridade dos profissionais com manifestações clássicas relacionadas à comunicação verbal. Entretanto, sinais mais sutis associados à interação social, comunicação não verbal e aspectos sensoriais podem permanecer subdiagnosticados durante a avaliação clínica, comprometendo o reconhecimento precoce de casos leves ou atípicos.

Resultados semelhantes foram descritos por Lima et al. (2025), os quais destacam que o TEA apresenta manifestações heterogêneas e que a triagem precoce deve considerar múltiplos domínios do desenvolvimento infantil, incluindo comunicação social, comportamento adaptativo e padrões restritivos e repetitivos.

De maneira complementar, Shaw et al. (2025) ressaltam que o TEA constitui condição heterogênea, caracterizada por importantes variações clínicas relacionadas à interação social, comunicação e comportamentos repetitivos, exigindo estratégias abrangentes de rastreamento e avaliação clínica multidimensional. Os autores destacam ainda que a identificação precoce favorece o acesso oportuno às intervenções terapêuticas e está associada à melhora dos desfechos cognitivos, sociais e funcionais em longo prazo.

No tocante às principais barreiras enfrentadas no rastreamento e encaminhamento de crianças com suspeita diagnóstica, a ausência de serviços especializados de referência constituiu a dificuldade mais frequentemente relatada, correspondendo a 43,8% (n=7) das respostas. Outras limitações mencionadas incluíram resistência familiar ao diagnóstico e ao encaminhamento especializado (12,5%; n=2), tempo insuficiente durante as consultas (12,5%; n=2), falta de conhecimento profissional (6,3%; n=1), demora no atendimento especializado (6,3%; n=1), dificuldades financeiras (6,3%; n=1) e dificuldade em diferenciar traços comportamentais típicos de sinais patológicos (6,3%; n=1) (Tabela 3).

Esses resultados refletem desafios historicamente observados na rede pública de saúde, sobretudo em municípios do interior amazônico, onde a distribuição desigual dos serviços especializados contribui para atrasos diagnósticos e limitações no acesso à intervenção precoce. A literatura demonstra que o atraso no diagnóstico está associado a piores desfechos cognitivos, sociais e funcionais, reforçando a importância da ampliação da rede assistencial e do fortalecimento das linhas de cuidado voltadas ao TEA (RUBIO-MARTÍN et al., 2024).

Em consonância com os achados deste estudo, Shaw et al. (2025) observaram importante variabilidade regional na prevalência e identificação diagnóstica do TEA, atribuída principalmente às diferenças no acesso aos serviços especializados, disponibilidade de profissionais capacitados e organização das políticas locais de saúde. Segundo os autores, regiões com maior disponibilidade de programas estruturados de rastreamento e encaminhamento apresentaram maiores taxas de identificação precoce, evidenciando a influência direta das condições assistenciais sobre os indicadores epidemiológicos do transtorno.

O relatório do CDC demonstrou ainda que crianças nascidas em 2018 apresentaram taxa de identificação diagnóstica até os 48 meses aproximadamente 1,7 vez superior à observada em crianças nascidas em 2014, sugerindo avanços importantes nas estratégias de vigilância do desenvolvimento infantil e rastreamento precoce. Esses dados reforçam a relevância da APS como cenário estratégico para detecção precoce de alterações do neurodesenvolvimento, especialmente durante os primeiros anos de vida.



Quanto às estratégias consideradas relevantes para aprimorar a identificação precoce do TEA na APS, a implantação de protocolos clínicos foi a medida mais frequentemente sugerida pelos participantes, sendo mencionada por 75,0% (n=12) dos profissionais. Além disso, 43,8% (n=7) indicaram a realização de palestras e capacitações presenciais, enquanto 37,5% (n=6) destacaram cursos online como ferramentas importantes para educação permanente em saúde (Tabela 4).

A utilização de instrumentos padronizados de triagem e fluxos organizados de encaminhamento tem sido recomendada como estratégia essencial para qualificação do cuidado, ampliação da sensibilidade diagnóstica e redução das desigualdades no acesso aos serviços especializados. Nesse sentido, Lima et al. (2025) destacam que ferramentas de rastreamento, como o Modified Checklist for Autism in Toddlers – Revised with Follow-Up (M-CHAT-R/F), apresentam importante potencial para identificação precoce de crianças em risco para TEA, favorecendo intervenções oportunas e melhora prognóstica.

Corroborando esses achados, Shaw et al. (2025) observaram que aproximadamente 66,5% das crianças diagnosticadas apresentavam registros de aplicação de instrumentos específicos de avaliação do TEA, destacando-se o Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS), Autism Spectrum Rating Scales (ASRS) e Childhood Autism Rating Scale (CARS). Os autores ressaltam que o uso sistemático de instrumentos validados contribui significativamente para aumento da sensibilidade diagnóstica e qualificação das estratégias de vigilância do desenvolvimento infantil.

Além das estratégias convencionais de rastreamento clínico, estudos recentes têm demonstrado resultados promissores relacionados ao uso de Inteligência Artificial (IA), Machine Learning (ML) e Deep Learning (DL) aplicados à detecção precoce do TEA. Rubio-Martín et al. (2024) identificaram acurácia próxima de 88% na classificação de indivíduos com possível TEA por meio da análise de linguagem natural e dados obtidos em redes sociais, evidenciando o potencial dessas tecnologias como ferramentas auxiliares no processo diagnóstico.

De forma complementar, Washington e Wall (2021) ressaltam que as tecnologias digitais podem contribuir significativamente para democratização do acesso ao rastreamento do TEA, especialmente em regiões com escassez de especialistas. Segundo os autores, recursos baseados em aprendizado de máquina possibilitam análise automatizada de padrões comportamentais, linguagem, expressões faciais e interação social, favorecendo estratégias de triagem remota e vigilância contínua do desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, observa-se que a incorporação de tecnologias digitais associada ao fortalecimento da APS pode representar estratégia relevante para redução das barreiras assistenciais relacionadas ao TEA, sobretudo em territórios vulneráveis e regiões com menor cobertura especializada. Contudo, a literatura ressalta que tais ferramentas não substituem a avaliação clínica especializada, devendo atuar como instrumentos complementares para apoio ao rastreamento e à tomada de decisão clínica.

De maneira geral, os resultados do presente estudo reforçam a necessidade de fortalecimento das ações de educação permanente em saúde, implantação de protocolos clínicos padronizados e ampliação da rede especializada de atenção ao TEA. Tais medidas podem favorecer o diagnóstico precoce, a intervenção oportuna e a melhoria da qualidade de vida das crianças com TEA e de suas famílias, em consonância com os princípios da integralidade e da equidade preconizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Ademais, as evidências epidemiológicas internacionais mais recentes reforçam que o aumento progressivo da prevalência do TEA impõe desafios crescentes aos sistemas de saúde,



tornando indispensável o fortalecimento das estratégias de vigilância do desenvolvimento infantil, rastreamento precoce e organização das linhas de cuidado na APS

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica e profissional dos participantes da pesquisa

Variável	Categoria	n	%
Sexo	Feminino	11	68,8
	Masculino	5	31,2
Área de atuação	Zona urbana	9	56,3
	Zona rural	7	43,7
Capacitação prévia sobre TEA	Sim	3	18,8
	Não	13	81,2
Relata identificar sinais sugestivos de TEA	Sim	15	93,8
	Não	1	6,2
Considera necessária a implantação de protocolos	Sim	16	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

Tabela 2 – Principais sinais precoces de TEA reconhecidos pelos profissionais da Atenção Primária à Saúde

Sinais referidos	N	%
Atraso na fala	15	93,8
Hiperfoco	6	37,5
Estereotipias motoras	5	31,3
Pouco contato visual	4	25,0
Agitação, insônia e distúrbios comportamentais	3	18,8
Seletividade alimentar	2	12,5
Isolamento social	1	6,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

Tabela 3 – Principais barreiras enfrentadas no rastreamento e encaminhamento de crianças com suspeita de TEA

Barreiras relatadas	N	%
Falta de serviço especializado de referência	7	43,8
Resistência familiar ao diagnóstico/encaminhamento	2	12,5
Tempo insuficiente durante a consulta	2	12,5
Falta de conhecimento profissional	1	6,3
Demora no atendimento especializado	1	6,3
Dificuldades financeiras/investimento	1	6,3
Dificuldade em diferenciar traços de personalidade de sinais patológicos	1	6,3
Não especificado	1	6,3

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

Tabela 4 – Estratégias sugeridas pelos profissionais para aprimoramento da identificação precoce do TEA na APS

Estratégias sugeridas	n	%
Implantação de protocolos clínicos	12	75,0
Palestras e capacitações presenciais	7	43,8



Cursos online

6

37,5

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

#### 4. Conclusão

O presente estudo evidenciou que médicos atuantes na Atenção Primária à Saúde (APS) do município de Bragança, Pará, apresentam conhecimento parcial acerca dos sinais precoces do Transtorno do Espectro Autista (TEA), com maior reconhecimento de manifestações clássicas, especialmente o atraso no desenvolvimento da linguagem. Entretanto, observou-se baixa capacitação específica dos profissionais para o manejo clínico do transtorno, associada a importantes dificuldades relacionadas ao rastreamento, encaminhamento e acesso aos serviços especializados.

Entre as principais barreiras identificadas destacaram-se a insuficiência de serviços especializados de referência, o tempo reduzido destinado às consultas e as limitações estruturais da rede de atenção à saúde, fatores que podem comprometer o diagnóstico precoce e o acesso oportuno às intervenções terapêuticas. Apesar dos avanços observados na organização da rede de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente no fortalecimento da APS e na ampliação das políticas públicas voltadas à atenção integral à pessoa com TEA, persistem desafios relacionados à qualificação profissional e à estruturação das linhas de cuidado no município de Bragança, Pará.

Nesse contexto, os resultados reforçam a necessidade de fortalecimento das estratégias de educação permanente em saúde, implantação de protocolos clínicos padronizados para rastreamento do TEA na APS e ampliação da rede especializada de atendimento, visando à qualificação da assistência prestada às crianças com TEA e suas famílias. Além disso, a incorporação de ferramentas tecnológicas e estratégias inovadoras de triagem poderá contribuir para o aprimoramento da vigilância do desenvolvimento infantil e da identificação precoce do transtorno, favorecendo maior integralidade, equidade e resolutividade das ações em saúde. Contudo, tais recursos devem atuar como instrumentos complementares, não substituindo a avaliação clínica especializada e o acompanhamento multiprofissional contínuo.

#### Referências

- BITTAR, Letícia Barbosa et al. TRIAGEM, DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÕES NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **LUMEN ET VIRTUS**, v. 16, n. 46, p. 2618-2634, 2025. Disponível em: Triagem, desenvolvimento e intervenções no transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática | lumen et virtus. Acesso em: 23 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtorno do Espectro Autista e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.
- CASATI, Bruna et al. Transtorno do espectro autista em crianças: uma revisão integrativa das manifestações clínicas e abordagens terapêuticas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 10, p. 3072-3080, 2024. Disponível em: Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares | Open Minds International Journal. Acesso em: 21 set. 2025.



CASTRO, GEOVANNA ROBERTA BARBOSA. **Desmistificação do diagnóstico do transtorno do espectro autista: uma perspectiva da psiquiatria**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: edital.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

DA SILVA, Natália Matos. Dificuldade no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 16, p. e11000-e11000, 2022. Disponível em: Dificuldade no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista | Revista Eletrônica Acervo Médico. Acesso em: 23 set. 2025.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. Estatística sem Matemática para Psicologia. 7. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

DE MENEZES TEIXEIRA, Denize Lemes. O PAPEL DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO DIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS AUTISTAS: UM ESTUDO DE CASO DA CLÍNICA ESCOLA MUNDO AUTISTA EM ARAGUAÍNA, TOCANTINS. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 50, 2024.

DE RESENDE, Samilly Danielly; DE CAMPOS, Sonia Maria. Transtorno do Espectro Autista: Diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 125, p. 350-365, 2024. Disponível em: Transtorno do espectro autista: diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica | Revista Psicopedagogia. Acesso em: 21 set. 2025.

DOS SANTOS, José Suelton Luiz Costa; DOS SANTOS, Beatriz Costa; BISPO, Ana Jovina Barreto. Aspectos clínicos e epidemiológicos do transtorno do espectro autista em crianças: um panorama mundial. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 8, n. 19, p. e082076-e082076, 2025. Disponível em: Aspectos clínicos e epidemiológicos do transtorno do espectro autista em crianças: um panorama mundial | Revista JRG de Estudos Acadêmicos. Acesso em: 21 set. 2025.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

IBGE. *Bragança*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/braganca.html>. Acesso em: 23 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista: resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MAIA, Fernanda Alves et al. Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão sobre etiologia, epigenética e mutação de novo. **Revista Renome**, v. 6, n. 1, p. 101-114, 2017. 2024. Disponível em: Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão sobre etiologia, epigenética e mutação de novo | Revista Renome. Acesso em: 21 set. 2025.



- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Atenção Primária*. Secretaria de Atenção Primária à Saúde – SAPS. Brasília: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps>. Acesso em: 23 set. 2025.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares*. Brasília: Ministério da Saúde, 02 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 21 set. 2025.
- MONTENEGRO, Maria Austa; CELERI, Eloisa Helena RV; CASELLA, Erasmo Barbante. **Transtorno do Espectro Autista-TEA: manual prático de diagnóstico e tratamento**. Thieme Revinter Publicações LTDA, 2018. Disponível em: Transtorno do Espectro Autista - TEA: Manual Prático de Diagnóstico e Tratamento - Maria AustaMontenegro, Eloisa Helena R V Celeri, Erasmo Barbante Casella - Google Livros. Acesso em: 23 set. 2025.
- OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos; PEREIRA, Iara Cristina. Atributos essenciais da atenção primária e a estratégia saúde da família. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 66, p. 158-164, 2013. Disponível em: SciELO Brasil - Atributos essenciais da Atenção Primária e a Estratégia Saúde da Família Atributos essenciais da Atenção Primária e a Estratégia Saúde da Família. Acesso em: 23 set. 2025.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Autism spectrum disorders: key facts. Genebra: OMS, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 22 out. 2025.
- SALGADO, Nathalia Di Mase et al. Transtorno do Espectro Autista em Crianças: Uma Revisão Sistemática sobre o Aumento da Incidência e Diagnóstico. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e512111335748-e512111335748, 2022. Disponível em: Autism Spectrum Disorder in Children: A Systematic Review of the Increasing Incidence and Diagnosis | Research, Society and Development. Acesso em: 21 set. 2025.
- SARAIVA, Isabella Ferreira et al. Transtorno do Espectro Autista (TEA): etiologia, diagnóstico e intervenções terapêuticas: uma revisão bibliográfica da literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 8, p. 2281-2291, 2024. Disponível em: Transtorno do espectro autista (tea): etiologia, diagnóstico e intervenções terapêuticas: uma revisão bibliográfica da literatura | Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. Acesso em: 21 set. 2025.
- FURTADO, A.; BRÁZ JÚNIOR, E. Rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista na Atenção Primária à Saúde. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 34, n. 2, p. 1-12, 2024.
- LIMA, R. S. et al. Estratégias de triagem precoce e diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na infância. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 74, n. 1, p. 45-58, 2025.



- RUBIO-MARTÍN, S. et al. Artificial intelligence and machine learning applications for autism spectrum disorder screening and diagnosis: a systematic review. *Frontiers in Psychiatry*, v. 15, p. 1-15, 2024.
- SHAW, Kelly A. et al. Prevalence and Early Identification of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 4 and 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 16 Sites, United States, 2022. *MMWR Surveillance Summaries*, Atlanta, v. 74, n. 2, p. 1-25, 17 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/74/ss/ss7402a1.htm>. Acesso em: 22 maio 2026.
- WASHINGTON, P.; WALL, D. Artificial intelligence applications in autism diagnosis and screening. *Current Opinion in Neurology*, v. 34, n. 2, p. 123-129, 2021.